



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIA – DCHT
CAMPUS XVIII
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS**

ANA PAULA SANTOS LEAL

**RAÇA, RACISMO ESTRUTURAL E REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-
SOCIAIS NO FILME M8, QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA**

Eunápolis
2024

ANA PAULA SANTOS LEAL

RAÇA, RACISMO ESTRUTURAL E REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-SOCIAIS NO FILME M8, QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências e Tecnologia – *Campus XVIII*, como requisito necessário à obtenção do título de Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientadora: Prof.^a. Me. Andreia Cristina Freitas Barreto

Coorientador: Prof. Me. Diego Ramon Souza Pereira

Eunápolis
2024



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS
CAMPUS XVIII – EUNÁPOLIS
COLEGIADO DE LETRAS

Ata da Sessão de Defesa Pública de TCC do
Curso de Graduação em Letras.

Aos oito de dezembro de dois mil e vinte e três, com início às quatorze horas, realizou-se no auditório do departamento da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XVIII*, na cidade de Eunápolis (BA) a sessão para a defesa pública do artigo científico na modalidade de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente **Ana Paula Santos Leal**, intitulado “RAÇA, RACISMO ESTRUTURAL E REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-SOCIAIS NO FILME M8, QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA” presidida pela Professora Andreia Cristina Freitas Barreto, na qualidade de orientadora, foi iniciado pela apresentação da referida discente, logo após a palavra foi passada para a primeiro examinador, Prof. Diego Ramon Souza Pereira, que discutiu e levantou questões relevantes para o artigo. O mesmo aconteceu com a segunda examinadora, Profª. Juciene Silva de Sousa Nascimento. Em seguida o orientador se posicionou e a referida aluna teceu comentários sobre o que foi arguido. O professor orientador pediu para que todos se retirassem da sala visando avaliação da defesa. Após o recesso o orientador presidente da banca, teceu comentários sobre o trabalho apresentado e sobre o desempenho da orientanda, encerrada a apresentação, a banca decidiu APROVAR a discente, considerando que foram atendidas as exigências das normas que regulam a apresentação da defesa de Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras da UNEB *Campus XVIII*. Perfazendo nota final de 9,0 (nove).

Andreia Cristina Freitas Barreto

Profª. Andreia Freitas Cristina Barreto
Orientadora
Universidade do Estado da Bahia

Juciene Silva de Sousa Nascimento

Profª. Juciene Silva de Sousa Nascimento
Examinadora
Universidade Federal de São Carlos

Diego Ramon S. Pereira

Prof. Diego Ramon Souza Pereira
Examinador
Universidade do Estado da Bahia

RESUMO:

Pretende-se neste artigo, analisar a narrativa do filme *M8- Quando a morte socorre a vida*. Discute-se nessa obra, temas como racismo, relações de poder, representatividade, ancestralidade, religiosidade e tem como questão principal a (não)importância que é dada as vidas pretas no Brasil. Lançamos, portanto, um olhar mais aprofundado sobre o racismo estrutural que rotineiramente subsiste, a partir de cenas que ilustram como ele se desenrola no cotidiano. Trata-se de um olhar baseado em uma realidade sociohistórica, pois considera-se que a construção do racismo estrutural procedente de em um contexto colonizador do qual foi gerado o Brasil. Produz e reforça, portanto, uma cultura sobre o tema.

Palavras-chave: Racismo. Vidas pretas. Sociedade brasileira.

ABSTRACT:

The aim of this article is to analyze the narrative of the film *M8- Quando a morte socorre a vida*. The film discusses themes such as racism, power relations, representativeness, ancestry, religiosity and its main issue is the (non)importance given to black lives in Brazil. We therefore take a deeper look at the structural racism that routinely persists, based on scenes that illustrate how it plays out in everyday life. It is a look based on a socio-historical reality, as it is considered that the construction of structural racism comes from a colonizing context from which Brazil was generated. It therefore produces and reinforces a culture on the subject.

Keywords: Racism. Black lives. Brazilian society.

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS.....	7
2. O PAPEL DO PROJETO DA COLONIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE RAÇA E RACISMO NO BRASIL.....	9
2.1. No Brasil e no mundo: a construção histórico-social da ideia de raça e racismo.....	12
2.2. Racismo estrutural: uma construção hegemônica e excludente.....	15
3. MOVIMENTOS DO CINEMA BRASILEIRO A FAVOR DO PROTAGONISMO NEGRO.....	17
4. O RACISMO ESTRUTURAL RERESENTADO NA NARRATIVA FÍLMICA <i>M8: QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA</i>.....	22
4.1. Explorando as cenas.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

O filme *M8- Quando a morte socorre a vida*, do diretor Jeferson De (2019), foi estreado em 2020, contando a história de Maurício (Juan Paiva), um jovem negro que entra para vida acadêmica para cursar medicina. Ao iniciar o curso, o personagem se deparou com o cadáver M8 que serviu de objeto de estudo para sua turma, e é exatamente nesse momento que o filme começa a se desenrolar, pois inconformado com a falta de identidade daquele corpo e outros corpos pretos, o jovem estudante busca um motivo para aquela realidade.

Nessa perspectiva, é necessário destacar que no mesmo ano de lançamento do filme, algumas notícias surgiram no contexto brasileiro referentes a morte de negros, com estimativa de crescimento de pelo menos 11,5% nos assassinatos, de acordo como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), enquanto a taxa de homicídio de pessoas não negras diminuía em 12,9%¹. Ademais, os especialistas citados nesse texto, consideram que esses números correspondem ao Racismo estrutural “que ainda perduram no país”, visto que os fatos são comprovados quando os números apontam que mulheres negras vítimas de homicídios na mesma década chegou a 12,4% e não negras reduziu em 11,7%.

Em 2021, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022)², o número de homicídio de pessoas negras cresceu 7,5%, isso corresponde a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 78 negras. Nada obstante, as políticas de controle da criminalidade e outras nesse sentindo são ínfimas, a começar pela coleta de dados que não são de qualidade, gera, portanto, comprometimento ao desenvolvimento, elaboração e execução, assim, as políticas de segurança pública sejam improvisadas e geram apenas a sensação de segurança (Santos, 2019).

¹ EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO (EBC). Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>. Acesso em 04 de Agosto de 2023.

² Anuário Brasileiro de Segurança Pública Edição Especial 2018. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/anuario-brasileiro-de-seguranca-publicacao-especial-2018-analises-dos-estados-e-faccoes-prisionais/. Acesso em: 04 Agosto de 2023.

Diante dessa realidade, o diretor Jeferson De, movimenta o “Cinema Negro Brasileiro” oportunizando não só pessoas negras protagonizarem os filmes, como também a história em si, ao retratar a realidade dos negros, a cultura, o cotidiano – esse movimento se iniciou nos Estados Unidos com a busca pelos direitos civis. Os primeiros nomes a se destacarem no Brasil foram o de Odilon Lopes e Antônio Pitanga em 1970.

Assim sendo, o filme *M8- Quando a morte socorre a vida* é uma forma de resposta (denúncia) ao racismo estrutural que infelizmente perdura. Isto porque, de acordo com Gomes (2021), foi em 1990 que os movimentos sociais negros se iniciaram, com trabalhadores buscando uma formação superior na busca por visibilidade institucional, concomitante, os cinemas começaram a produção de filmes com temas multiculturais e a diversidade étnico-racial cultural brasileiro.

A princípio, os papéis eram secundários e haviam estereótipos e subjugação nos papéis destinados aos negros, visto que seus personagens sempre são: motoristas, empregadas domésticas, escravos, entre outros. No entanto, a busca sempre foi pela representação de uma cultura negra que existe, que faz parte do que é o Brasil. Com toda a luta pela busca de reconhecimento, o cinema, nesse sentido passou a ser ferramenta de denúncia, afinal “A história do cinema brasileiro é vista como um espelho da sociedade e mostra sua evolução cultural na construção da imagem de um povo afrodescendente. O cinema negro se torna um instrumento de construção de uma imagem positiva e mostra a afirmação do povo negro” (Carvalho; Domingues, 2018 *apud* Gomes, 2021, p. 22).

Compreende-se que mesmo com o reconhecimento, vitórias e conquistas do povo negro, a trajetória pela valorização da população e cultura negra brasileira ainda é difícil e desafiadora, assim como a busca pelo reconhecimento fora de espaços subjugados. Por isso, este estudo pretende complementar esse debate tão importante, baseado em fatos projetados na tela, onde há possibilidade de transmissão, disseminação da realidade que se anseia, realidade que precisa mudar, para que não seja mais necessário lutar pelo que é direito ou até pela vida.

Para tanto, trata-se de uma pesquisa planejada e organizada em etapas regidas pela metodologia científica que busca fazer uma revisão histórica dos processos raciais e análise do discurso contido no filme *M8 – Quando a morte*

socorre a vida, ademais, trazendo considerações acerca do assunto abordado. Segundo Gil (1999), é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos” (GIL, 1999, p.42).

Elegemos a revisão bibliográfica como ponto de apoio em busca por respostas ou hipóteses. Nesse sentido, foi feita uma busca geral de artigos no *Google Acadêmico*, *Scielo*, *Licacs* de artigos publicados, na área da social acerca do racismo, racismo estrutural, historicidade da constituição social do Brasil e referências outras sobre o filme. Assim sendo, o estudo tem um caráter exploratório por ser uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

2 O PAPEL DO PROJETO DA COLONIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE RAÇA E RACISMO NO BRASIL

Historicamente, alguns autores como Fedrickson (2002), Banton (2000), Jahoda (1999), Matos (2006)³ apontam que não havia consciência racial na Antiguidade clássica e na época medieval, portanto, a ideia de raça enquanto diferenças de grupos humanos é considerada recente em relação ao tempo histórico. Na Europa, por exemplo, essa perspectiva tem início na religião, em identificar, por aspectos, quem era cristão e quem não era; o bem e o mal caracterizados e identificados por cores, branco e preto; na Idade Média, os monstros, citados na história da Idade Média, mais tarde substituídos pelos selvagens “ser humano semelhante ao macaco” (Jahoda, 1999 apud Cabecinhas, 2010, p.25).

O século XVI é marcado pela centralidade da Europa em relação ao mundo, acompanhada das explorações coloniais, acarretando o capitalismo e desenvolvimento tecnológico de forma assimétrica em relação as outras sociedades. No que diz respeito ao Brasil, os relatos mostram que o início dessa hierarquização tem início na descrição física e modo de viver dos nativos,

³ Autores citados no livro *Racismos: olhares plurais*. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/12063/1/racismos-e-olhares-plurais_ri.pdf. Acesso em: 07 de junho de 2023.

considerados irracionais. A inocência considerada “falta de alma” (Cabecinhas, 2010, p.25).

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andavam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. (Caetano; Águas, 1987, p. 65 apud Cabecinhas, 2010 ,p.25).

Esse trecho da carta de Pero Vaz de Caminha revela que a preocupação desde o início foi conferir se as ações, comportamento eram de acordo com o habitual e, já que se preocupavam tanto com a questão religiosa, esse fato não deixou de ser (des)considerado, bem como a cultura. Jennes (2001 *apud* Cabecinhas, 2010) aponta que no período colonial o conhecido Colonialismo europeu ganhou extensão baseado em justificativas para validar o tráfico de escravos, o que deu origem a escravatura, assim surge a ideia de raça, que no sistema ideológico é um pilar. Ademais, é com o Iluminismo que surge as teorias que baseiam a hierarquização dos seres humanos.

De acordo com Gould (1986):

O pensamento científico do Iluminismo tem sido apontado como a base científica para o que mais tarde viria a caracterizar o ‘racismo científico’. A noção de ‘raça’ estabelece uma ligação directa entre características físicas visíveis (fenótipo) e características profundas (genótipo), explicativas das diferentes aptidões e capacidades dos indivíduos. Esta noção apoiou-se na antropologia física clássica, que utilizava critérios morfológicos como a cor da pele, a forma craniana, a textura do cabelo, entre outros. As classificações que resultavam da aplicação desses critérios eram contraditórias e muito variáveis, mas essa variabilidade de resultados e ausência de rigor foi muitas vezes escamoteada (Gould, 1986 apud Cabecinhas, 2010, p.27).

Bem como, aponta Abreu (2021) no glossário antirracista:

A ideia de raça é uma construção social baseada na premissa de que as pessoas podem (e devem) ser classificadas segundo características físicas, biológicas e culturais. A ideologia do racismo se fortaleceu na formação dos Estados Nacionais, que se utilizaram das categorias raciais e de ideias evolucionistas ligadas a elas para controlar e segregar suas populações. Premissas de superioridade racial e luta pela evolução ideal das espécies foram responsáveis tanto pela escravização de pessoas negras e indígenas no século XVI, quanto pelos campos de concentração nazistas no século XX.

Essa noção de raça foi sustentada e validada por nomes como Charles Darwin e Carl Linnaeus. Respectivamente, um apresentou a origem comuns das raças, porem diferenças superficiais entre elas, enquanto Linnaeus além de

classificar as raças em africanos, americanos, asiáticos e europeus, descreveu absurdos sobre, principalmente os negros “lentos de raciocínio, descontraídos”, entre outros (Linnaeus, 1767, p. 29 *apud* Cabecinhas, 2012, p.28). Foi assim, em outras épocas e gerações. Os congressos realizados durante o Estado Novo, os indígenas e negros contaram com políticos, religiosos, militares, cientistas debatendo sobre sua civilização – hegemonia dos valores portugueses - até porque, os negros eram vistos como crianças grandes (Cabecinhas; Cunha, 2003 *apud* Cabecinhas, 2012, p.29).

No período da Segunda Guerra, houve uma trégua no contexto político em relação ao comportamento racista e discriminatório, o Luso-tropicalismo⁴, que parecia de dispor a considerar a cultura do povo não europeu, mas que ao final não passou de uma ilusão. Porém, as lutas não pararam, com efeito, foi publicado a proclamação da Declaração Universal dos Direitos do Homem, pela Organização das Nações Unidas (ONU), no dia 10 de Dezembro de 1948, afirmando: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos [...] (§1º); Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação [...] (§2º)”.

Entre outros debates, entre 1950 e 1960, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) promoveu, de acordo Cabecinhas (2012) debates interdisciplinares que resultaram em mudanças significativas do contexto conceitual e de atuação em relação ao racismo e especificamente a palavra raça, que passou a ser substituída por “grupos étnicos”. Mesmo assim, as desigualdades sociais correlacionadas a herança escravista, à política de branqueamento (sec. XIV-XX) permanecem – na ocupação de cargos sociais, no acesso aos direitos, etc.

[...] o termo ‘grupo étnico’ tem sido empregue para referir grupos sociais minoritários, que são percebidos e classificados em função da

⁴ Por Cahen e Matos (2018) [...] o hibridismo é a manifestação cultural, social e étnica, da resiliência de sociedades subalternizadas e oprimidas, reinventando num contexto compelido outras maneiras de viver, reinterpretando a favor do colonizado ideias e técnicas do colonizador, isto é, quando nessas análises o hibridismo é livre, o luso-tropicalismo tem um sentido único: do preto/africano e do índio rumo ao europeu/branco, e nunca o contrário.

sua diferenciação cultural face aos padrões estabelecidos pela cultura dominante. Todavia, o pensamento leigo acompanhou esta deslocação da 'raça' para os 'grupos étnicos', sendo as 'práticas culturais' percebidas como rígidas e imutáveis, e até mesmo geneticamente herdadas. (REX, 1986) Assim, frequentemente, a cultura não é entendida como algo fluido e dinâmico, mas como algo fixo análogo à 'raça' (Cabecinhas, 2012, p.31).

Apesar disso, no Brasil, e outros países latino-americanos, mesmo com a abolição da escravidão, não há leis que dêem direito aos cidadãos se sentirem pertencente a um grupo social, seguiu-se a lógica de classificação apoiada em características, socioeconômicas, regionais e geracionais, coletadas pelo senso – “a cor é metáfora para raça” (Rosemberg, 2021, p.96). Hodiernamente, lutamos contra a desigualdade em relação às diferenças culturais, uma vez que, por não se utilizar o termo raça, tem-se a ilusão do fim do racismo. Todavia, os debates têm sido estendidos para dimensão simbólica e estrutural, vez que não há mais disfarces para alguns termos.

2.1 No Brasil e no mundo: a construção histórico-social da ideia de raça e racismo

O Brasil, desde sua formação, retrata a desigualdade de condições, acesso e estrutura para a população negra, indígena, branca, e outros grupos aqui, ainda presentes. Os dados apontam que a população negra e indígena, por exemplo, ocupam os piores lugares nos indicadores sociais, os quais são apontados como consequência de fatores econômicos, mas nunca sociais. Trata-se de uma perspectiva histórica construída, em que a base é a violência social, material e simbólica (Barbosa, Sousa, Silva, 2021), a começar pela desigualdade “racial⁵”.

De acordo com Barbosa, Sousa, Silva (2021), o racismo se manifesta de formas diferenciadas e tem origem em instituições sociais, onde são (re)construídas as narrativas, significados a respeito. Ele pode ser “observado em atitudes e comportamentos de discriminação por preconceito, ignorância, negligência e estereotipação racista.” Vale ressaltar que foi através dele que a ideia de raça foi inventada, visto que, de acordo com Outhwatw e Bottormore (1996) e Munanga, o racismo não se trata de um conceito, mas carrega em si

⁵ Acreditamos na construção do termo raça um projeto de subalternização, usamos o termo apenas para elucidar o assunto.

um significado que se origina na ideia da existência de raças naturalmente hierarquizada, considera atributos físicos, morais, culturais, etc.

Assim como no campo sociológico, o racismo não é definido apenas pela questão da raça, mas considera grupos sociais com traços linguísticos, culturais, religiosos próprios, também considerados inferiores a outros, que em geral, fundamenta-se em ser consequência direta do fator biológico. Por outro lado, o significado de raça, como conhecemos hoje, começou a ser criado a partir do século XVI e só ganhou o sentido atual no século XVIII. Inicialmente, era uma classificação de seres como animais e plantas, e só depois passou a classificar o ser humano. O racismo por sua vez, é um processo histórico, mutável, que se adapta e cria uma sociedade (Almeida, 2019; Munanga, 2004).

De acordo Schucman (2010), a ideia de raça não deveria ser atribuída a cultura, desigualdades sociais, questões psíquicas e ideológicas, pois isso significa legitimar “raça” a “naturalização e especialização da ideia falaciosa de diferenças biológicas que, dentro da lógica brasileira, se manifesta pelo fenótipo e aparência dos indivíduos de diferentes grupos sociais”. À vista disso, para Guimarães (1999, p.153 *apud* Schuman, 2010, p.7), à “raça” designa “raça social”, uma vez que “não se trata de um dado biológico, mas de “construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios.”

Bem como, entende Bobo e Fox (2003, p. 319 *apud* Cabecinhas, 2010, p.20), racismo é “[...] um conjunto de condições institucionais de desigualdade e uma ideologia de dominação racial, sendo esta última caracterizada por um conjunto de crenças que sustentam que o grupo racial subordinado é biológica ou culturalmente inferior ao grupo racial dominante.”

As definições de raça e racismo se distanciam cada vez mais dos aspectos fisiológicos aos quais foram construídos, como a ideia de comportamentos discriminatórios puramente e volta-se a ideia ideológica dos sistemas, como aponta Taguieff (1997) e Wiewiorka (1995) citados por Cabecinhas (2010, p. 21):

[...] enquanto ideologia, o racismo consiste num sistema de crenças fabricado na ciência com objectivos políticos claros: legitimar um sistema social com fortes desigualdades sociais que estabelecia claramente a posição que os diferentes grupos humanos deveriam ocupar na hierarquia social, grupos esses definidos e reconhecidos a

partir de características físicas que eram supostas traduzir as suas capacidades intelectuais e as suas aptidões. (Taguieff, 1997; Wieviorka, 1995).

Nessa perspectiva, para manutenção, a concepção de racismo varia de forma a contribuir com a dominação do alvo, isto porque, nela é contida o tipo de inferioridade presente em determinado grupo, por isso, tudo tem início na inferioridade de traços étnicos das “raças” ou, podemos dizer, na exaltação de outros. Ademais, institucionaliza-se pensando em grupos, cuja cultura e modos são desconsiderados.

Na Modernidade, a concepção de raça e racismo foram definidas por um sistema em que há privilégios, reproduzidos no campo econômico, político e nas relações cotidianas, de modo ela ganha um caráter classificatório criando três concepções de racismo: *individualista*, *institucional* e *estrutural* (ALMEIDA, 2019). Segundo este prisma, o Individualista é a relação entre racismo e *subjetividade*, o *Institucional* é a relação entre *racismo* e *Estado* e o *Estrutural* é a relação entre *racismo* e a *economia*.

A saber, o racismo institucional é explicado como o “fracasso coletivo de uma organização para prover um serviço apropriado e profissional para as pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica” (Geledés *et al.*, 2013, p. 11 *apud* Barbosa; Sousa; Silva (2021), essa definição é apresentada pelo Programa de Combate ao Racismo Institucional.

Pode-se compreender a relação do racismo e o Estado, a exemplo da restrição ao acesso a saúde, um direito constituído a todos. De acordo com Barbosa; Sousa; Silva (2021, p.2), “o racismo institucional pode ser observado na restrição ao acesso à saúde pela população negra, diferenças significativas no cuidado a doenças predominantemente negras, como, por exemplo a anemia falciforme, na qualidade da atenção à saúde e na falta de inclusão da questão racial na educação permanente dos profissionais.”

À economia, conseguimos perceber desde o início do Brasil, nas relações de poder, em que as distribuições de terra da América Latina, o enriquecimento da elite latifundiária, cafeeira com o trabalho escravo consolidou-se. Foi um processo de “desumanização do escravizado, que, após liberto, foi jogado à margem da sociedade, sem nenhum auxílio ou inserção na dinâmica econômica nacional.” Ademais, “Cabe esclarecer, portanto, que, ao se usar o termo racismo,

não se está falando apenas de uma condição de discriminação eventual ou conjuntural, mas estrutural e substantiva. Qualquer que seja o plano desenvolvimentista nacional que não inclua medidas de inserção do negro de maneira efetiva na dinâmica econômica da realidade brasileira está fadado a manter as estruturas que sustentam o racismo, raiz da desigualdade social” (Aluvino, 2021, p.2).

Segundo Silvio de Almeida, racismo é uma tecnologia de poder, e, partindo dessa ideia, para ele, todo racismo é estrutural. Constitui um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade e figura como uma manifestação normal e não um fenômeno patológico da sociedade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (Almeida, 2019, p. 15).

Com base nessa perspectiva, não há como atribuir a uma lógica e parcelar a responsabilidade pelo desenrolar das questões racistas. Pois, ao passo que o Direito, foi criada toda uma legislação discriminatória e na Economia, o negro é colocado a margem da sociedade, na Política inexistem não uma legitimação e efetivação das políticas públicas de direitos do povo negro. Por tudo isso, Almeida defende que o racismo nasceu na base dessas estruturas e para combatê-lo de maneira proporcional é necessário políticas públicas e instituições governamentais que ataquem estruturalmente esse fenômeno (Almeida, 2019).

2.2 Racismo estrutural uma construção hegemônica e excludente

No plano simbólico, o racismo manifesta-se via adoção da crença (ou ideologia) da superioridade “natural” (geralmente mediada por uma noção, mesmo que vaga, de transmissão de atributos morais pelo sangue ou pela hereditariedade) de um grupo racial sobre outro. No plano estrutural, o racismo consiste no sistemático acesso desigual a bens materiais e simbólicos entre os diferentes segmentos raciais (Rosemberg, 2021, p. 97).

Para se compreender a realidade do Brasil enquanto território colonizado e por isso subjugado, é preciso compreender que apesar de conquista contra esse processo, o plano simbólico e estrutural apresenta-se de maneira sutil. Devido a isso, falar sobre esse contexto ainda é necessário. A desigualdade

econômica e social prova que as condições continuam as mesmas e as políticas não foram ainda capazes de reparar os danos sofridos.

Com a ideia a ideologia da 'democracia social', muitos foram dispersos do que foi e é o racismo estrutural, "no sistemático acesso desigual a bens materiais e simbólicos entre os diferentes segmentos raciais" (Rosemberg, 2021, p.97). Para Abreu (...), o racismo pode ser identificado a partir de dimensões estruturais disseminadas pela sociedade como forma de manter ou exclusão de cultura, pessoas de locais específicos, ou seja, por práticas sociais.

A saber, Abreu (2021) declara:

É o racismo presente nas estruturas sociais que normaliza a violência policial contra pessoas negras, pois não só as origens da polícia militar se confundem com a necessidade de reprimir escravizados e ex-escravizados como a polícia até hoje é treinada para suspeitar de jovens negros. Também é o racismo presente nas estruturas sociais que permite que mulheres negras tenham menos acesso à saúde e até mesmo a analgésicos, baseando-se na crença de que são mais fortes, desumanizando-as tal qual era feito na colônia que as escravizava. (ABREU, 2021)

Esses são somente alguns exemplos do reflexo do processo histórico do Brasil, bem como aponta Moore (2007), por meio da ideologia é que se sustenta as desigualdades, bem como que dá manutenção a legitimação das lutas. A nossa Constituição (1988), afirma todos serem iguais perante a lei reconhece as diferenças ao passo que "força" o respeito entre elas.

De acordo com Hasenbalg (1979):

Num certo sentido a sociedade brasileira criou o melhor dos dois mundos. Ao mesmo tempo que mantém a estrutura de privilégio branco e a subordinação não branca, evita a constituição da raça como princípio de identidade coletiva e ação política. A eficácia da ideologia racial dominante manifesta-se na ausência de conflito racial aberto e na desmobilização política dos negros, fazendo com que os componentes racistas do sistema permaneçam incontestados, sem necessidade de recorrer a um alto grau de coerção. (Hasenbalg⁶, 1979, p. 246).

Com o reconhecimento da dimensão estrutural do Brasil, alguns grupos passaram a lutar pelo seu(s) reconhecimento(s) perante a sociedade, e direitos. É o caso da luta antirracista, que em direção a ideia projetada de 'raça' busca

⁶ SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. *Psicologia Política*, São Paulo, v.10, n.19, p.41-55, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005. Acesso em: 23 de setembro de 2023.

“pensar em uma articulação política em torno da negritude de forma que as mesmas características, que são hoje objeto de preconceito, sejam ressignificadas positivamente e também fonte de reparação social. Bem como, nos ideais de Chales Taylor, em “A política do reconhecimento”, há uma necessidade de políticas de reconhecimento de grupos minoritários, isto porque “toda identidade é construída e constituída de forma dialógica, ou seja, não há como um sujeito se reconhecer de forma positiva se a sociedade em que ele está inserido produz, acerca de seu grupo, estereótipos, preconceitos e discriminações que restringem a possibilidade de ser humano desses sujeitos” ” (Schucman, 2010, p.9).

Reforçamos que o discurso e as práticas sociais são os meios pelos quais ideias têm sido transmitidas e reforça verdades acerca, nesse caso, do racismo, da desigualdade social. Trata-se de transferir uma consciência social e individual acerca de, por isso a manutenção se dá em vários níveis, principalmente institucional. Acerca disso, muitos movimentos foram levantados e resistem, o cinema, por exemplo, tornou-se fonte de fortalecimento da identidade coletiva e luta por esse espaço de resistência.

3 MOVIMENTOS DO CINEMA BRASILEIRO A FAVOR DO PROTAGONISMO NEGRO

O racismo (estrutural) historicamente se implementou por meio de discursos e práticas sociais, tendo início na dominação dos povos negros e direcionado a hierarquização, subalternização. Como forma de denúncia, o cinema brasileiro experimentou uma nova fase, além de os negros poderem atuar como protagonistas, poderiam ver, finalmente suas realidades retratadas, o cotidiano, a cultura, a linguagem, etc. O início desse movimento foi demarcado pelo *race movies*, filmes com conteúdo de questões raciais do povo negro para os negros, por Oscar Micheaux, o qual produziu um longa-metragem, a primeira nos Estados Unidos (Hooks, 2019; Cripps, 1978).

Com o surgimento do cinema negro, evidenciou-se que os filmes de forma direta, influenciava o modo de pensar das pessoas a partir das narrativas apresentadas, assim as produções passaram a representar o anseio pela liberdade do pensamento cativo social em relação aos negros. Surge as revoluções, a começar pelos movimentos da contracultura, “La Rebellion”, os

quais não se preocupavam mais em mostrar os negros nas telas, mas também em mostrar e valorizar sua cultura. Em (con)sequência, os movimentos anticoloniais desabrocham na África na década de 1960, estendendo-se para o Brasil em 1970 (Rodrigues, 2022).

Conjuntamente, deu-se início ao Movimento Negro Unificado (MNU), que encabeçou a “Sociologia Negra”:

[...] concepção de ciência social na qual o povo negro pudesse se colocar como sujeito do conhecimento teórico e agente de transformação social da realidade. Tratava-se de um projeto político e epistemológico que pretendia dar protagonismo a intelectuais e pesquisadores(as) negros(as) nas interpretações sobre as relações raciais, a fim de tensionar não somente o mito da democracia racial brasileira, mas também a desigualdade racial na produção intelectual (Rodrigues, 2022, p. 2).

A ideia era fugir da lógica branco-europeia e reposicionar os negros, indígenas, representando suas histórias, culturas e até a história brasileira do seu próprio ponto de vista como forma de identificação real de quem são. Um dos protagonistas desse movimento foi o Zózimo Bulbul⁷ (ator, cineasta e multiartista), reconhecido como pai do cinema negro brasileiro. Seu primeiro trabalho foi a curta metragem *Pedreira de São Diogo*, são cinco episódios que compõe “*Cinco vezes favela*”, uma história da população negra que vive na pobreza em uma favela. Outrossim, são exemplos de trabalhos de Bulbul, *Alma no olho* (1973) e *Abolição* (1988), narrativas que revelam a luta dos negros por visibilidade (Carvalho, 2012).

Segundo Rodrigues (2022):

Abolição (Zózimo Bulbul, 1988), como o próprio nome indica, foi um projeto construído pelo artista para ser lançado no mesmo ano do centenário da Lei Áurea de 1888. O título parece ter um sentido ambíguo: ao mesmo tempo em que se registra o marco histórico, dá a entender, durante a narrativa, que uma “abolição” de fato nunca existiu. No documentário, Bulbul filma e entrevista diversos personagens da cultura afro-brasileira, além de intelectuais como Gilberto Freyre, autor da famosa tese da democracia racial brasileira (Rodrigues, 2022, p.5).

De acordo com Maringoni (2011), os princípios e extensão da escravatura são representados pelos mecanismos políticos e econômicos, que destinaram

⁷CARVALHO, Noel. 2012. “O produtor e cineasta Zózimo Bulbul – o inventor do cinema negro brasileiro”. In: Revista Crioula. n. 12, nov. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57858/60904>. Acesso em 04 de setembro de 2023.

os negros a sobreviver de trabalhos análogos a escravidão, sem direito a educação, participação política ou a moradia. Como consequência, mais tarde, essa população se embrenha pelas grandes cidades onde seria mais fácil o emprego, e se alojam nas margens destes grandes centros, dando origem às periferias (favelas) (MARINGONI, 2011).

Outros nomes como o de Glauber Rocha e Cacá Diegues apareceram nesse percurso histórico. “O conhecido *cinema novo*, que foi responsável por criar uma nova estética para o cinema nacional, subvertendo todos os conceitos precedeu o “cinema negro”, concebido para reivindicar a ocupação de espaços cujo protagonismo no audiovisual foi, historicamente, negado às pessoas negras (Neves, 2018; Ventura, Oliveira, Borges, 2020 apud Gomes, 2021).

Assim, “o Cinema Negro marca, então, um posicionamento diferenciado de cineastas diante da representação do indivíduo e da coletividade negra, que refuta um modelo hegemônico reprodutor de uma inferiorização dos afrodescendentes; e busca, portanto, um reposicionamento do negro, em uma postura de afirmação estética e cultural, contrapondo-se à hegemonia eurocêntrica” (Prudente, 2006, p. 49 apud Gomes, 2021).

Na década de 2000, todo esse movimento a favor do cinema negro passa a ser repensando por figuras como “Jeferson De, Rogerio de Moura, Ari Candido, Noel Carvalho, Billy Castilho, Daniel Santiago, Lilian Solá Santiago e Luiz Paulo Lima”, os quais montam uma cartilha sistematizando como fazer o cinema negro no Brasil. Ademais, foi através do movimento “*Dogma Feijoada*” que publicaram um manifesto no IX Festival Internacional de Curta Metragem de São Paulo, contendo os princípios da cartilha (Carvalho & Domingues, 2018 apud Rodrigues, 2022, p.5). São eles:

1. o filme tem de ser dirigido por realizador negro brasileiro;
2. o protagonista deve ser negro;
3. a temática do filme tem de estar relacionada com a cultura negra brasileira;
4. o filme tem de ter um cronograma exequível. Filmes-urgentes;
5. personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos;
6. o roteiro deverá privilegiar o negro comum brasileiro e
7. super-heróis ou bandidos deverão ser evitados.

Ademais, aproveitando esse espaço, atores, cineastas e atrizes negros iniciaram outro manifesto em busca de espaço no audiovisual. O chamado “Manifesto do Recife” protagonizou a busca por representação racial no

audiovisual sem distorção das imagens da composição étnico-racial. A luta se deu em torno de:

1. O fim da segregação a que são submetidos os atores, atrizes, apresentadores e jornalistas negros nas produtoras, agências de publicidade e emissoras de televisão; 2. a criação de um fundo para o incentivo de uma produção audiovisual multirracial no Brasil; 3. a ampliação do mercado de trabalho para atrizes, atores, técnicos, produtores, diretores roteiristas afro-descendentes; 4. a criação de uma nova estética para o Brasil que valorizasse a diversidade e a pluralidade étnica, regional e religiosa da população brasileira (Rodrigues, 2022, p.6).

Todo esse cenário revela a desigualdade histórica racial brasileira, que acompanha as novidades, como no audiovisual, em que grandes criações dependiam de custos os quais o público negro não detinha, ademais, alguns autores, como Carvalho, denunciam que em alguns casos, o público negro nem sempre valorizou tais produções.

Todavia, pouco a pouco, algumas mudanças passam a acontecer, mesmo que de forma irrisória. A Constituição é um avanço e o início para a democracia. A exemplo, “O país posicionou-se oficialmente como liderança favorável às políticas de compensação social para os povos negros e indígenas, como aparece no artigo 108 da declaração oficial do evento” (Rodrigues, 2022, p.9). Ademais, algumas políticas de igualdade racial começam a surgir no cenário brasileiro, como:

1. a criação de cursos de cinema e audiovisual com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e nos Pontos de Cultura financiados pelo Ministério da Cultura (MinC); 2. a Lei de Cotas de 2012; e 3. a inclusão de ações afirmativas em editais públicos de fomento ao audiovisual, possibilitaram com que mais pessoas negras pudessem produzir e exibir seus filmes, principalmente nos circuitos alternativos (Rodrigues, 2022, p.7).

Dentro desse universo, Jeferson De, aparece no cinema como representante da luta da representatividade negra no contexto do cinema negro brasileiro, desenvolvendo princípios para garantir produções que considerassem os negros de fato, como os de o filme ser dirigido por negros, protagonizado e ter a temática cultural negra brasileira.

Segundo Carvalho e Domingues (2018, p.5 *apud* Ventura; Oliveira; Borges, 2020, p. 296) “De forma irônica, Jeferson De parodiou o nome de um manifesto lançado em Copenhague em 1995, intitulado Dogma 95, pelos

diretores dinamarqueses Lars von Trier e Thomas Vintberg que criticavam os blockbusters propondo um cinema experimental. Esse manifesto ditava dez linhas gerais – que ficaram conhecidas como “votos de castidade” – que as produções fílmicas deveriam seguir para se tornar mais realistas. A provocação de Jeferson De continuou, ao conferir ao “seu dogma” o nome de “feijoada”, para se referir aos cineastas negros. Enquanto o “dogma europeu” remetia a uma rigidez, o “dogma tupiniquim” era flexível, permitia transgressões, como a própria feijoada, prato da culinária afro-brasileira que aproveita ingredientes tidos como menos nobres e que se tornou uma marca de brasilidade”.

Com o filme M8- Quando a morte socorre a vida, Jeferson De denunciou nuances do racismo estrutural, embora o nome racismo no filme não apareça, o conjunto de cenas e ações mostram que os discursos nem sempre estão presentes para identificação, por outro lado, as cenas “práticas sociais” denunciam a urgência pela mudança de cenário. É o aluno negro confundido com funcionário; o policial negro subjugando o aluno negro pela sua posição de poder; Maurício sendo questionado pela mãe da colega branca, por ser negro e estudar medicina, etc.

De acordo com Gomes (2021), o mito da democracia veio acompanhando o colonialismo, o qual subjugou os negros, que foram usados, libertos e marginalizados, dando forma a desigualdade entre os povos. O cinema alcança, nesse sentido, como aponta Coutinho (2009, p.77 *apud* Gomes, 2021, p.172) “[...] com todas as suas possibilidades expressivas, reveladas em luzes e sombras, cores e enquadramento, foco, movimento, faz ver, logo ao primeiro olhar, o que a frieza de uma notícia não pode alcançar. Os espaços são outros; os tempos são outros.”

Outrossim, de acordo com Souza sobre os atores/autores dos movimentos no cinema negro:

Desde que assumiram o controle das câmeras, eles têm criado um cinema de produção, autoria e cosmovisão negra; seus filmes são veículos de combate ao racismo e aos preconceitos; suas produções promovem e ampliam a história e a cultura negra, criam espaços formativos de políticas cinematográficas para cineastas, produtores e realizadores negros, e fortalecem as produções negras. (SOUZA, 2013, p.83).

A ideia do cinema negro é, de forma coletiva, refutar um modelo hegemônico e com representação inferior do negro. Dessa forma, visando investigar o debate que o filme promove do tema Racismo estrutural, trazemos cenas que representa o cotidiano de uma realidade ainda presente. Faremos uma abordagem qualitativa do conteúdo, observando as cenas, que para nós, reflete uma cultura herdada de um contexto colonizador, mas também onde indivíduos lutam para (re)construir seu(s) cotidiano(s).

4 O RACISMO ESTRUTURAL REPRESENTADO NA NARRATIVA FÍLMICA *M8: QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA*

O filme *M8 – Quando a morte socorre a vida* conta a história de Maurício (Juan Paiva), recém-ingresso em uma faculdade de Medicina, que encontra o corpo M8 durante suas aulas iniciais de anatomia. Em seus estudos, o cadáver é analisado por ele e seus colegas de classe ao longo do semestre. Entretanto, persiste um mistério em torno da identidade daquele corpo, e isto acaba por provocar diversas angústias e reflexões no protagonista. No transcorrer do filme, é mostrado diversos desdobramentos que contornam a temática principal da proposta narrativa, envolvendo religiões afro-brasileiras, racismo, movimentos sociais liderados por mulheres negras, entre outros.

Maurício, como único negro na sua turma, se identifica com os corpos que são utilizados nas aulas de laboratório, ademais, quase nunca é identificado como aluno ou é confundido com funcionário da instituição por seus colegas, atitudes que deixam patente que o estudante negro constitui um problema grave naquele universo educacional, que tradicionalmente é composto por brancos. Tais ações narrativas não fogem do que é vislumbrado na realidade, afinal, a teoria social já demonstrou que historicamente aos negros são negados as suas subjetividades e potencialidade, reforçando-se social e culturalmente estereótipos de vulnerabilidade e subalternização.

Esses violentos processos decorrem do fato de o sujeito universal que significa a racionalidade não apenas ocidental ser baseado na branquitude, que permite ao sujeito branco atribuir aos outros um parâmetro o que é confortável para sua cultura, de modo que tudo o que for diferente passa a ser classificado como negativo, faltante, deficitário. E, esse negativismo é evidente no filme.

Assim, quando Maurício acerta as incisões que devem fazer nos corpos durante o curso de anatomia, alguns colegas dizem que ele já está pronto para ser açougueiro, isto é, deliberadamente depreciando a habilidade de Maurício, o que é fundado num fator puramente racial. Deixando claro que aquele lugar social e aquela profissão não cabe a Maurício, estudante negro. Importa também aqui discutir a problemática da vulnerabilidade dos corpos negros, na questão da marginalidade e mesmo da morte.

O filme, trouxe portanto, um debate sobre os corpos que são matáveis em nossa sociedade, que ficou eternizado nas discussões de Foucault (2008) sobre Biopolítica. Assim, a grande maior parte dos cadáveres em estudo na faculdade ficcional tinha tez negra e era oriundo das classes pobres, explicitando muito bem o que Achille Mbembe (2018) chamou de *Necropolítica*.

Por sua vez, embora Maurício estivesse vivo, existiu em torno dele todo um discurso de apagamento, falta e marginalidade: todos os colegas possuíam carros e gozavam de outras facilidades da vida burguesa. Ele por sua vez, andava de ônibus e levava marmita para a faculdade. E sobre essas relações de vulnerabilidade e discursos de falta e morte social, é necessário se utilizar de Rômulo Fonseca (2016, p. 37) que irá discorrer sobre o apagamento dos jovens negros antes de suas mortes. Como a imagem de *pobreza, violência e periculosidade* que são vinculadas a determinados espaços, reforçam no imaginário popular que as periferias são possíveis campos de concentração, centros de perigos e que são justificáveis políticas públicas e controle punitivo que ocasiona em tanto sangue e balas disparadas.

Sobre morte social, nota-se, por exemplo, como ao buscar identificação sobre quem é o M8, diversos personagens reforçam que aquele corpo é de um “indigente”, logo, não valia à pena maiores investigações sobre quem fora ou sua família. Assim, a juventude negra é vista como corpos violentos e por isto mais “matáveis” e que existe um sistema de segurança pública que reserva aos que são “fora da lei” uma sentença de morte, quase os transformando em animais passíveis de abate (Ana Flauzina e Thula Pires).

Destacamos o Movimento de Mulheres, mães enlutadas retratadas no filme. Maurício irá se deparar com o protesto de mães, em sua maioria negra, protestando para acharem os corpos de seus filhos. Sobre isto, Ana Flauzina (2008) debateu o fato de que certos dilemas das mulheres negras nunca fazem

parte do cenário contextual de mulheres brancas, que as demandas das mulheres são circunstanciadas não apenas por gênero, mas por raça e classe.

Deixam-se estas perguntas para reflexão e provocação. Por fim, conclui-se que pensar em segurança pública, é também refletir sobre educação, racismo e antirracismo, quais corpos são matáveis ou não, feminismo e as razões de sempre as mães, mulheres negras carregarem consigo as dores de luto. Entre outras dores que a personagem Cida (Mariana Nunes) retratou bem com seu personagem, ao mesmo tempo em que sofrem com os outros desdobramentos do sistema penal. Esta é uma luta coletiva, é oportuno refletir e ouvir todas as vozes, principalmente daqueles que sofrem com estas violências.

4.1 Explorando as cenas

O filme *M8* tem diversos outros pontos de problematizações e reflexões, entretanto, foi optado por pontos específicos para facilitar a análise. A obra é o ponto de partida para pensar como todos esses desdobramentos estão interligados, então a resposta, bem como a construção de possíveis projetos devem ter esta interdisciplinaridade também.

A saber, serão sete cenas observadas e analisadas com base na literatura que baseia nosso estudo:

TABELA 1- CENAS ANALISADAS DO FILME M8-QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA

CENA	TEMPO	CONTEÚDO	DESCRIÇÃO DA CENA
01	05:25	Racismo estrutural	Maurício (protagonista) vivencia em uma das aulas de laboratório, seu colega fazendo perguntas e o confundindo com um dos funcionários.
02	09:54	Ancestralidade	O cadáver que Maurício e seus colegas estavam examinando “olhou” para Maurício como se ele estivesse delirando.
03	22:23	Ancestralidade	A mãe de Maurício, no terreiro, o questiona sobre sua vivência com os mortos e declara que o cadáver M8 tem algo a dizer para ele. A seguir, Maurício tem uma conversa com funcionários do laboratório e os questiona “vocês já pararam para pensar na história desses corpos?”
04	29:19	Necropolítica	Maurício passa a investigar a origem do cadáver M8.
05	31:44	Necropolítica e	Maurício e um colega da faculdade vão ao

		Racismo estrutural	hospital onde M8 foi doado, dado como indigente.
06	44:22	Necropolítica	Maurício é abordado pela polícia após um morador do bairro de classe alta onde estava, comemorando uma festa com os colegas da faculdade.
07	01:06:35	Resistência	Maurício conversa com sua mãe sobre a desistência do curso de medicina.

Fonte: produção própria, 2023.

Na cena 1 (05:25), aqui selecionada, do filme *M8- Quando a morte socorre a vida*, o autor protagonista Juan Paiva, o qual desenvolve o papel de Maurício, estudante negro do curso de Medicina, se depara em seus primeiros dias de aula com a cruel comparação do seu colega com ele e os funcionários do laboratório de observação de cadáveres, que por sinal, em sua maioria negros, muitos reconhecidos como indigentes e sem um diagnóstico conclusivo para suas mortes.

FIGURA 1- CENA 1 DO FILME M8 - RACISMO ESTRUTURAL



Fonte: captura própria, 2023.

O diálogo⁸ retratado na cena expõe entre palavras e gestos a realidade do racismo no Brasil, as formas de manutenção, muitas vezes não tão silenciosa:

Colega 1: “Opá! Você sabe onde posso deixar meus instrumentos?”

Maurício (guardando seus materiais na mochila): “Não sei, vei, não tenho a mínima ideia.”

⁸ Por diálogo entendemos, segundo Bakhtin (2011) o ato de “interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos... E, a palavra, nesse tecido dialógico da vida humana, penetra “no simpósio universal” (BAKHTIN, 2011, p.348). Ademais, nesse sentido, de acordo com Souza (2022, p.18), são nas práticas reais de uso da língua que o diálogo se encontra, o mal-entendido, a incompreensão que são constitutivas do processo de comunicação, a negação ou entendimento dos processos, bem como as tensões dentro das relações de poder.

(Transcrição minha, 2023)

Colega 1: “E... você sabe se tem alguém na secretaria que pode me ajudar?”

Maurício (olhando nos olhos dele): “Como assim? Não tô entendendo.”

Colega 1: “Desculpa, você não trabalha aqui na facul?”

Maurício (balança a cabeça fazendo gesto de negação e sai).

(Transcrição minha, 2023)

Após o diálogo, aparecem dois funcionários negros carregando um cadáver. A cena nos mostra o racismo como algo tão subjetivo que se passa como um ato “normal”, não como patologia ou ofensa. Bem como, na cena seguinte selecionada, o mesmo cadáver apresenta nessa narrativa as questões de ancestralidade, ao “olhar” para Maurício deixando-o mais intrigado com aquela realidade.

Nesse momento, não há diálogo, a cena, para nós apresenta-se como um pedido de socorro, de reconhecimento de negro para negro, do que vem acontecendo há tempos. A ancestralidade, nesse sentido remete a vida, a morte e aos movimentos culturais dos povos negros no Brasil. Ademais, do significado da religião na luta antirracista, isto é, o desejo de preservar ações históricas, modo de vida, crenças e conquistas (Gomes; Moura, 2023). A ideia é percebemos o elo de parentesco com os que já foram e a luta que continua.

FIGURA 2- IMAGEM REFERENTE A CENA 2 DO FILME M8 - ANCESTRALIDADE



Fonte: captura própria, 2023.

Em continuidade a essa temática, a cena 3 (22:23), a mãe de Maurício aparece no terreiro e ele a observa. Em determinado momento, uma “mãe” pergunta a ele se ele convive com os mortos. Maurício responde, apenas a observa. Ela diz:

Mãe: Ele quer falar com você
Maurício continua calado e observa.
Ela volta a falar. **Mãe:** Não tenha medo não
(Transcrição minha, 2023)

FIGURA 3 - CENA 3 DO FILME M8 - ANCESTRALIDADE



Fonte: captura própria, 2023.

Ainda no contexto sobre a morte do cadáver M8, a busca de Maurício por entender o porquê de ele tentar se comunicar, tem-se a falta de identificação desse corpo. Ele é tido como indigente. Como retratamos nas pesquisas, trata-se de corpos não reconhecidos socialmente, mas que têm um “lar”, porém no mundo político, econômico não passam de números estatísticos. Na cena 4 (29:19), 5 (31:44), bem como a 6 (44:22), retratam o tema necropolítica, ideia filosófica baseadas em políticas que selecionam quais corpos importam viver.

A cena 4, mais especificamente, Maurício vai em busca da origem daquele corpo. Ele conversa com a mulher responsável pelos documentos da universidade.

Maurício: Estou procurando o contato da família do corpo M8.
Senhora Ilza: Toda documentação dos corpos doados ficam em outro departamento.
Maurício: E lá eu consigo ter essa informação?
Senhora Ilza: consegue, mas pra quê que cê quer saber?
Maurício: porque eu acho que pode ajudar no meu trabalho no curso
Senhora Ilza: ah, tá. Bom! Vou ver se a gente consegue alguma coisa por aqui, né? Vou ver se eu consigo alguma coisa dos cadáveres desse semestre.
Maurício: Obrigado!
Senhora Ilza: Qual deles?
Maurício: M8
(Transcrição minha, 2023)

FIGURA 4- CENA 4 DO FILME M8 - NECROPOLÍTICA

Fonte: captura própria, 2023.

Após procurar a documentação a senhora diz que o cadáver é indigente e que ele veio de um hospital. Com essa informação, seguem as cenas e na cena 5 (31:44), Maurício vai em busca de informações sobre M8 no hospital. Chegando lá a secretária pede para ele voltar outro dia, sem mesmo olhar na cara dele. O colega de Maurício (branco), chega e ela o atende, olhando para ele, prontamente ela dá um jeito de ajuda-lo.

Eles encontram com um médico e ele perguntam se eles são da faculdade, falou sobre o M8, quando deu entrada e foi encaminhado para a faculdade. No laudo consta hemorragia interna, com várias lesões internas. Maurício questiona sobre as informações:

Maurício: Só isso?

Médico: infelizmente, só isso! Esperava encontrar o que mais aí?

Maurício: Não sei.

Colega de Maurício: você saberia dizer se conseguiríamos mais informação em algum outro lugar? Na polícia Civil, por exemplo.

Médico: Vocês podem até tentar, mas... olha só, se tivesse sido aberto algum inquérito, algum fato novo, estaria anexado aqui... não tem nada tá vendo, ainda mais que o cara **foi dado como indigente**.
(Transcrição minha, 2023)

Assim, quando Maurício questiona o motivo da morte, o médico diz que pode ser considerada como morte acidental e pede licença. Diante de dados

históricos sociais, vemos claramente o descaso aos corpos negros, enquanto na realidade ancestral a morte prematura pode ser considerada como um trauma.

Os corpos utilizados nas faculdades, em sua maioria, são considerados indigentes, ademais, são negros. Lapa e Diana (2021, p.8), falam sobre como a sociedade naturalizou o descarte dos corpos:

O descarte do corpo, seja em seu momento parcial (ao ignorar o corpo) ou total (ao desprezar o cadáver) nos demonstra esse incontornável ethos ao qual as instituições estão vinculadas enquanto expressão de um tempo. No que diz respeito aos procedimentos quanto às mortes consideradas indigentes há, inicialmente, a suposição de ausência de interesse institucional no tratamento dado a esses corpos.

Ademais:

Trata-se de observar que a naturalização é permeada por uma questão que envolve elementos para além de uma suposta racionalidade, de uma agência racional que tem sua intencionalidade exposta na indiferença. Trata-se de entender que a fundamentação tem mais uma camada, envolve um certo acordo, acordo este que, pelo seu silêncio, inclui-se no âmbito desse ethos, desse lugar que é permeado igualmente por afecções e racionalizações.

Ao observar a realidade histórica, esse comportamento se repete. Por Lecco França (2021)⁹:

Segundo o Atlas da Violência, divulgado em 2020, pessoas negras representaram 75,7% das vítimas de todos os homicídios no Brasil em 2018. Muitos desses corpos, quando não encontrados, são expostos incessantemente pelos meios de comunicação tradicionais, principalmente programas policiais sensacionalistas. Entre os sujeitos negros vitimados no filme, desconhecidos ou conhecidos publicamente, estão M8, cujo corpo ansiava por um enterro digno como forma de dar paz ao seu espírito; e também Marielle Franco, ativista assassinada em 2018, cujo crime ainda não foi solucionado com a devida punição dos envolvidos, e cuja imagem dela aparece estampada em um grafite na rua em que Mauricio passa todos os dias. Isso mostra que a exposição à violência do racismo independe de estar vivo ou morto.

Outra cena selecionada diz respeito a forma como essas mortes acontecem. Mais especificamente na cena 6 (44:22) do filme, após sair de uma festa em um bairro nobre com os colegas de faculdade, Maurício é interrogado

⁹ Artigo “Quando um corpo negro importa: uma análise de M8 (2019), De Jeferson De” publicado na revista Afirmativa, 2021. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/4363-2/>. Acesso em: 08 de setembro de 2023.

e violentado pela polícia, chamada por um dos seus colegas que aparece no filme como plano de fundo enquanto ele conversa com sua colega/ficante (branca), mesmo ela dizendo que eles estavam juntos. Chama atenção mais ainda o fato de um dos policiais ser preto e utilizando de seu “poder” por estar fardado para diminuir o rapaz. Os dois com armas nas mãos começam a gritar:

FIGURA 5- CENHA 6 DO FILME M8 - NECROPOLÍTICA



Fonte: captura própria, 2023.

Policial preto: “Tu é surdo, porra?”

Policial branco: “bota a mão pra trás”

Maurício (deitado no chão e com as mãos para traz apenas grita): “ai, ai, ai...!”

Policial preto: “Qual é teu nome, moleque?” enquanto sua colega fala “Ei, ei, ei, calma” e ele replica “Só um segundo, senhora. Só um segundo, é rotina, tá? Tá contigo? (grifo nosso) ela responde “tá.”

Policial branco (com a identidade do Maurício na mão, entregando ao outro policial): “Maurício.”

Policial preto: “Como é o nome? Maurício.Maurício! Pode levantar, Maurício, seus amigos chegaram”.

Na frente dos amigos de Maurício o **policial branco** diz (trocando olhar com a colega de Maurício que aparenta estar com raiva e seus olhos cheios de lágrimas): “A gente recebeu uma denúncia de assalto e achou que aqui era o endereço certo. A gente está só fazendo o nosso trabalho... Boa noite! - Enquanto isso, o outro policial fica olhando a identidade de Maurício e um dos seus colegas, o mesmo que o abordou como se ele fosse funcionário da faculdade e não aluno responde “boa noite” ao policial branco.

Policial preto: “Toma aí, Maurício, seu celular. Pode pegar, rapaz, tá com medo? (Maurício pega com o seblante de ódio). Identidade também, oh!

Continua... “Porra, Maurício, tá dando mole, rapá! Aqui oh (mostra a cor deles em seu próprio braço). Essa hora da noite em bairro de playboy, porra! **Depois some aí, comé que vai ser, em?** (grifo nosso). Se liga, vou te liberar porque gostei de você, tá? Cara boa, parece ser moleque sangue bom, vai lá! Boa noite senhores, desculpa o transtorno.

Policial branco: “BORA!”

Policial preto: Valeu, Maurício! (Transcrição minha, 2023)

Após a cena acabar, Maurício, machucado olha seus amigos e o mesmo que o denunciou chama ele para dormir em sua casa. Sua colega também oferece para ele dormir na casa dela, ele apenas responde que precisa ficar sozinho. Essa cena chocante, porém não tão incomum nos dias atuais denuncia o desconforto, o ódio do branco em dividir o espaço com uma pessoa preta, mas também do próprio preto, que em posição de poder humilha. Nos termos de Freire¹⁰ (1987, p.16) “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”, até porque trata-se de um processo onde a pessoa tem sua humanidade roubada, mas também nessa de ser roubado, desperta-se o desejo de ser mais, na tentativa de se restaurar sua humanização perdida.

Destacamos na transcrição o termo “rotina” que denuncia o cotidiano de pessoas pretas que sofrem com o abuso social, com a humilhação de ser “parado” na rua por causa de sua cor. Sem contar nas famílias que, em alguns casos, chega a não ver mais, muito deles, bem como é no filme – corpos dados como indigentes. Como está nas estatísticas, a porcentagem de violência contra negros só cresce, ter uma “identidade” não é suficiente para se reconhecer sua existência, enquanto sujeito de direitos e deveres. Nos revela essa condição quando o policial preto diz: **“Depois some aí, comé que vai ser, em?”. É rotina sumir, desaparecer? Invisíveis socialmente, mas também fisicamente.**

Já cansado da discriminação e de resistir, Maurício chega para a mãe e relata sua desistência (cena 7 – 01:06).

FIGURA 6- CENA 7 DO FILME M8 – RESISTÊNCIA



Fonte: captura própria, 2023.

¹⁰ Trazemos Freire uma vez que retomamos a educação como direito essencial no Brasil, faz parte do cenário do filme, como forma de libertação e justiça para um povo subalternizado, marginalizado.

Por fim, a mãe relembra o quanto lutou para chegar até onde chegou enquanto mulher negra e o quanto a espiritualidade a ajudou chegar até ali – técnica de enfermagem. Além mais, ela resistiu, pois estudou enquanto trabalhava, reforça que não há como alcançar o que se quer sem luta, pois reconhece a dificuldade, mas a força que pode ser encontrada para não baixar a cabeça perante a sociedade racista e ainda, no caso dela, misógina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

M8- Quando a morte socorre a vida é encerrado com o enterro do cadáver M8, representante dos corpos negros tidos como indigentes. Várias mães ali presentes, imaginando onde estariam seus filhos, uma emoção, vozes ecoam, enquanto Maurício observa. O filme traz uma ideia telescópica do que é ser negro no Brasil. Maurício é vítima do racismo estrutural, enquanto M8 é da sociedade que negligencia os corpos negros; a mãe de Maurício é símbolo de resistência, enquanto a religião mais uma vez serve como alicerce para um povo não desistir.

A escolha por esse filme nos proporcionou refletir e repensar o desenrolar de uma sociedade que se encontra longe de vencer o racismo, que hoje se apresenta de forma estrutural. Os mecanismos europeus foram repaginados e sustentados por nós mesmos ao longo do tempo. As instituições reforçando estereótipos, a falta de oportunidade para alguns grupos, a marginalização dos que não servem.

Apesar do descaso, o cinema apresentou-se como arma contra tudo isso. Ganhou espaço, a partir de muita luta, para representar os ideais de um povo esquecido. Chega de vermos nossa história contada por outros, resistimos ao mostrar que não aceitamos tudo o que vem de lá, temos uma cultura, uma identidade, um anseio.

Chamamos atenção para as políticas afirmativas que (não)serve para o fim da desigualdade racial, a começar pelo discurso que ecoam delas. É preciso movimentar em nossa sociedade a saberes que influenciem as práticas sociais, consequentemente as possibilidades de acesso igualitário. Como diz Rizzo e Fonseca (2021) “uma conversão de olhar”, que pode ser feita, por exemplo com uma reeducação institucional, já que ali circulam os discursos sobre a sociedade de forma mais expandida, alcançando diversos públicos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. **Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 149, p.474, ago. 2013.
- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil.** O negro na telenovela brasileira. São Paulo: SENAC, 2000.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARBOSA, Raquel Rodrigues da Silva; SILVA, Cristiane Souza da; SOUSA, Arthur Alves Pereira. **Vozes que ecoam: racismo, violência e saúde da população negra.** Revista Katálysis, v. 24, p. 353-363, 2021.
- BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial.** LEI Nº 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010. Disponível em: <<http://www.portaldaiqualdade.gov.br/Lei%2012.288%20-%20Estatuto%20da%20Igualdade%20Racial.pdf>. > Acesso em 29 de Nov. de 2022.
- BRASIL. **Lei 10.639, 2003**, arts. 26-A, 79-A e 79-B. Brasília – DF, janeiro de 2003.
- CABECINHAS, R. **Expressões de racismo: mudanças e continuidades.** In: MANDARINO, A. C.S.; GOMBERG, E. (eds.). Racismos: Olhares plurais. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2010, p.11-43.
- Cahen, Michel e Patrícia Ferraz de Matos. **Introdução: Novas perspectivas sobre o luso-tropicalismo.** Revista de Estudos Portugueses **26**, nº. 1 (2018): 1–6.
- CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. **Dogma feijoadada a invenção do cinema negro brasileiro.** Rev. bras. Ci. Soc. [online]. vol.33, n.96, 2018.
- COLINS, Taunay; LIMA, Morgana Gama de. **Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica.** Avanca Cinema Journal, p.430-437, 2020. Disponível em: <https://publication.avanca.org/index.php/avancacinema/article/view/146/279>. Acessado em 08 de Agosto de 2023.
- CRIPPS, Thomas. **Black film as genre.** Bloomington, IN: Indiana University Press, 1978.
- DO NASCIMENTO CANDANDA, Davidson Davis; DA SILVA BORGES, Roberto Carlos; DE OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues. **Cinema negro brasileiro: histórias, conceito e panorama de um movimento cinematográfico.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 14, n. Ed. Especial, p. 279-300, 2022.
- DO NASCIMENTO CANDANDA, Davidson Davis; DA SILVA BORGES, Roberto Carlos; DE OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues. **Cinema negro brasileiro: histórias, conceito e panorama de um movimento cinematográfico.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 14, n. Ed. Especi, p. 279-300, 2022.

DOS SANTOS GOMES, Josué Victor; MOURA, Maria Aparecida. **Presenças (in) visíveis**: a preservação da cosmo percepção da ancestralidade no filme “M8: quando a morte socorre a vida”. Patrimônio e Memória, v. 19, n. 1, p. 83-110, 202.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro/Brasília: INL/ MEC, 1980.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987.

Glossário Antirracista. [projeto desenvolvido em parceria com o SESC Florêncio de Abreu – 2021].

GOMES, KEILA. **Etnografia de tela**: A representação do racismo estrutural através do filme M8 – Quando a morte socorre a vida e a valorização da Lei Nº 10.639/2003 / KEILA GOMES. - 2021. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Artes Visuais, Recife, 2021. Disponível em: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/3560>. Acessado em 10 de junho de 2023.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1226&Itemid=68. Acesso em: 28 de nov. de 2018.

LAPA, Raphael Santos; DIANA, Gilson Matilde. **Morte de indigentes no contexto brasileiro**: a naturalização do descarte. Revista Katálysis, v. 24, p. 291-300, 2021.

M-8 – Quando a morte socorre a vida, Diretor: Jeferson De, Autor: Jeferson De e Felipe Sholl., Distribuição: [Downtown Filmes](#); [Paris Filmes](#), 1h24min, 2020.

MARINGONI, Gilberto. **História – O destino dos negros após a Abolição - Os Desafios do Desenvolvimento**. Revista IPEA, Edição 70. Ano 8. – Dez. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/191854470/Historia-O-destino-dos-negros-apos-a-Abolicao#scribd> . Acessado em: 25 de julho de 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, N1 edições, 2018.

RIAL, Carmen Silvia. 2005. **Mídia e sexualidades**: breve panorama dos estudos de mídia. In Movimentos sociais, educação e sexualidades organizado por Miriam Pillar Grossi (et al), 107-136. Rio de Janeiro: Garamond.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno **Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019, 135 p.

RODRIGUES, Anthony. **Os cinemas negros brasileiros e a transformação da imagem**: percursos de um termo estético-político. Revista Sociedade e Estado – Volume 37, Número 3, Setembro/Dezembro 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/qgdWsVXNkKH979ZGG55rCGh/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Com%20a%20entrada%20maior%20de,de%20filmes%20de%20autoria%20negra>. Acessado em: 01 de mar. 2023.

SANTOS, Luiz Dantas dos Santos. **Indicadores criminais, sensação de segurança e efetiva segurança** – roubo x homicídio. disponível em:

https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/4176/1/Indicadores%20criminais%2C%20sensa%C3%A7%C3%A3o%20de%20seguran%C3%A7a%20e%20efetiva%20seguran%C3%A7a%20-%20roubo_homic%C3%ADdio.pdf . Acesso em: 07 de ago. 2023.

Schucman, L. V. (2010). **Racismo e Antirracismo**: a categoria raça em questão.

Psicologia Política, v. 10, nº 19 (jan./2010), p. 41-55.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005. Acesso em: abr. 2017.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Débora Rodrigues de. **Processos dialógicos de reconstrução de identidade docente do PIB e língua portuguesa**. / Débora Rodrigues de Souza, 148f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: cultura, educação e linguagens – PPGCEL, Vitória da Conquista, 2022.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Cinema na panela de Barro** – Mulheres negras e suas narrativas de amor, afeto e identidade. Tese (Doutorado) em História. Brasília, Universidade de Brasília, 2013.

VENTURA, Hélio Lucio dos Reis; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de; BORGES, Roberto. Cinema negro na educação antirracista: uma possibilidade de reeducação do olhar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 62, p. 294-303. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052020000500294&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 agosto 2023. Epub 09 agosto de 2023. <https://doi.org/10.12957/teias.%y.50008>.